

A Otan destruiu a Líbia em 2011; a tempestade “Daniel” varreu o que sobrou | Carta semanal 38



Shefa Salem al-Baraesi (Líbia), *Drown on Dry Land [Afogado em terra seca]*, 2019.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social.

Três dias antes do colapso das barragens de Abu Mansur e Al Bilad em Wadi Derna, na Líbia, na noite de 10 de setembro, o poeta Mustafa al-Trabelsi participou de uma discussão na Casa da Cultura de Derna sobre o descaso com a infraestrutura básica em sua cidade. Na reunião, al-Trabelsi alertou sobre as condições precárias das represas. Como ele **escreveu** no Facebook naquele mesmo dia, na última década sua amada cidade foi

“exposta a chicotadas e bombardeios, e depois foi cercada por um muro que não tinha porta, deixando-a envolta em medo e depressão”. Em seguida, a Tempestade Daniel se aproximou da costa do Mediterrâneo, chegou à Líbia e **rompeu** as represas. As **imagens filmadas** pela CCTV no bairro de Maghar, na cidade, mostram o rápido avanço das águas das enchentes, poderosas o suficiente para destruir prédios e ceifar vidas. Segundo informações, 70% da infraestrutura e 95% das instituições educacionais **foram danificadas** nas áreas afetadas. Até a quarta-feira, 20 de setembro, estima-se que entre **4 mil e 11 mil pessoas tenham morrido** nas inundações – entre elas o poeta Mustafa al-Trabelsi, cujos avisos ao longo dos anos não foram ouvidos – e outras 10 mil estão desaparecidas.

Hisham Chkiouat, ministro da aviação do Governo de Estabilidade Nacional da Líbia (com sede em Sirte), visitou Derna após a enchente e **disse** à BBC que ficou “chocado” com o que viu. “É como um tsunami. Um bairro enorme foi destruído. Há um grande número de vítimas, que está aumentando a cada hora”. O Mar Mediterrâneo devorou essa antiga cidade com raízes no período helenístico (326 a.C. a 30 a.C.). Hussein Swaydan, chefe da Autoridade de Estradas e Pontes de Derna, **disse** que a área total com “danos graves” chega a três milhões de metros quadrados. “A situação nesta cidade é mais do que catastrófica”, salientou. A Dra. Margaret Harris, da Organização Mundial da Saúde (OMS), **disse** que a inundação foi de “proporções épicas”. “Nunca houve uma tempestade como essa na região, portanto, é um grande choque”.

Os uivos de angústia em toda a Líbia se transformaram em raiva pela devastação, que agora estão exigindo uma investigação. Mas quem conduzirá essa investigação? O Governo de Unidade Nacional com sede em Trípoli, chefiado pelo primeiro-ministro Abdul Hamid Dbeibeh e oficialmente reconhecido pela Organização das Nações Unidas (ONU), ou o Governo de Estabilidade Nacional, chefiado pelo primeiro-ministro Osama Hamada em Sirte? Esses dois governos rivais, que estão em guerra há muitos anos, paralisaram a política do país, cujas instituições estatais foram fatalmente danificadas pelo bombardeio da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) em 2011.



Soad Abdel Rassoul (Egito), *My Last Meal*[*Minha última refeição*], 2019.

O Estado dividido e suas instituições danificadas não conseguiram atender adequadamente a população de quase sete milhões de habitantes da Líbia, um país rico em petróleo, mas agora totalmente devastado. Antes da recente tragédia, a ONU já estava fornecendo ajuda humanitária para pelo menos 300 mil líbios, mas, como consequência das enchentes, eles **estimam** que pelo menos mais 884 mil pessoas precisarão de assistência. Esse número certamente aumentará para pelo menos 1,8 milhão. Dr. Harris, da OMS, **relatou** que alguns hospitais foram “destruídos” e que são necessários suprimentos médicos vitais, incluindo kits de trauma e sacos para corpos. “As necessidades humanitárias são enormes e estão muito além das capacidades do Crescente Vermelho Líbio, e até mesmo além das capacidades do governo”, **disse** Tamar Ramadan, chefe da delegação da Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho na Líbia.

A ênfase nas limitações do Estado não deve ser minimizada. Da mesma forma, o secretário-geral da Organização Meteorológica Mundial, Petteri Taalas, **destacou** que, embora tenha havido um nível de precipitação sem precedentes (414,1 mm em 24 horas, conforme registrado por uma estação), o colapso das instituições estatais contribuiu para a catástrofe. Taalas observou que o Centro Meteorológico Nacional da Líbia tem “grandes lacunas em seus sistemas de observação. Seus sistemas de TI não estão funcionando bem e há uma escassez crônica de pessoal. O Centro Meteorológico Nacional está tentando funcionar, mas sua capacidade é limitada. Toda a cadeia de gestão e governança de desastres está interrompida”. Além disso, “a fragmentação dos mecanismos de gerenciamento e resposta a desastres do país, bem como a deterioração da infraestrutura, exacerbaram a enormidade dos desafios. A situação política é um fator de risco”.



Faiza Ramadan (Líbia), *The Meeting [A reunião]*, 2011.

Abdel Moneim al-Arfi, membro do Parlamento da Líbia (na seção leste), juntou-se a seus colegas legisladores

para pedir uma investigação sobre as causas do desastre. Em sua declaração, al-Arfi **apontou** para os problemas subjacentes da classe política líbia pós-2011. Em 2010, um ano antes da guerra da Otan, o governo líbio havia alocado dinheiro para restaurar as represas de Wadi Derna (ambas construídas entre 1973 e 1977). Esse projeto deveria ter sido concluído por uma empresa turca, mas ela deixou o país durante a guerra. O projeto nunca foi concluído, e o dinheiro destinado a ele desapareceu. De acordo com al-Arfi, em 2020, os engenheiros recomendaram que as represas fossem restauradas, uma vez que não eram mais capazes de gerenciar as chuvas normais, mas essas sugestões foram ignoradas. O dinheiro continuou a desaparecer e o trabalho simplesmente não foi realizado.

A impunidade tem definido a Líbia desde a derrubada do regime liderado por Muammar al-Gaddafi (1942-2011). Em fevereiro e março de 2011, os jornais dos países árabes do Golfo começaram a afirmar que as forças do governo líbio estavam cometendo genocídio contra seu povo. O Conselho de Segurança das Nações Unidas aprovou duas resoluções: **Resolução 1970** (fevereiro de 2011) para condenar a violência e estabelecer um embargo de armas ao país e a **resolução 1973** (março de 2011) para permitir que os Estados membros agissem “sob o Capítulo VII da Carta das Nações Unidas”, o que permitiria que as forças armadas estabelecessem um cessar-fogo e encontrassem uma solução para a crise. Liderada pela França e pelos Estados Unidos, a Otan impediu que uma delegação da União Africana desse seguimento a essas resoluções e realizasse conversações de paz com todas as partes na Líbia. Os países ocidentais também ignoraram a reunião com cinco chefes de Estado africanos em Adis Abeba, em março de 2011, na qual al-Gaddafi **concordou** com o cessar-fogo, uma **proposta** que ele repetiu durante uma delegação da União Africana a Trípoli, em abril. Essa foi uma guerra desnecessária que os países ocidentais e os países árabes do Golfo usaram para se vingar de al-Gaddafi. O terrível conflito transformou a Líbia, que ocupava a 53ª posição entre 169 países no Índice de Desenvolvimento Humano **de 2010** (a classificação mais alta do continente africano), em um país marcado por indicadores ruins de desenvolvimento humano, que agora é significativamente **inferior** em qualquer lista desse tipo.



Tewa Barnosa (Líbia), *War Love* [Guerra do amor], 2016.

Em vez de permitir que um plano de paz liderado pela União Africana fosse implementado, a Otan iniciou um bombardeio de 9.600 ataques contra alvos líbios, com ênfase especial nas instituições estatais. Mais tarde, quando a ONU pediu à Otan que prestasse contas dos danos causados, o consultor jurídico da aliança militar, Peter Olson, **escreveu** que “não havia necessidade de uma investigação, já que a Otan não visou deliberadamente civis e não cometeu crimes de guerra na Líbia”. Não houve interesse na destruição intencional da infraestrutura crucial do Estado líbio, que nunca foi reconstruída e cuja ausência é fundamental para entender a carnificina em Derna.

A destruição da Líbia pela Otan deu início a uma cadeia de eventos: o colapso do Estado líbio; a guerra civil, que continua até hoje; a dispersão de radicais islâmicos pelo norte da África e pela região do Sahel, cuja desestabilização de uma década resultou em uma série de golpes de Estado, de Burkina Faso ao **Níger**. Posteriormente, isso criou novas rotas de migração para a Europa e levou à morte de migrantes tanto no Deserto do Saara quanto no Mar Mediterrâneo, bem como a uma escala sem precedentes de operações de tráfico de pessoas na região. Acrescente a essa lista de perigos não apenas as mortes em Derna e, certamente, as mortes causadas pela Tempestade Daniel, mas também as vítimas de uma guerra da qual o povo líbio nunca se recuperou.



Najla Shawkat Fitouri (Líbia), *Sea Wounded [Oceano ferido]*, 2021.

Pouco antes da inundação na Líbia, um terremoto atingiu as montanhas do Alto Atlas, no Marrocos,

destruindo vilarejos como Tenzirt e matando cerca de 3 mil pessoas. “Não vou ajudar no terremoto”, **escreveu** o poeta marroquino Ahmad Barakat (1960-1994); “Sempre levarei em minha boca a poeira que destruiu o mundo”. É como se a tragédia tivesse decidido dar passos titânicos ao longo da margem sul do Mar Mediterrâneo na semana passada.

Um clima trágico se instalou profundamente no poeta Mustafa al-Trabelsi. Em 10 de setembro, antes de ser arrastado pelas ondas da enchente, ele **escreveu**: “nós só temos um ao outro nesta situação difícil. Vamos ficar juntos até nos afogarmos”. Mas esse estado de espírito foi entrecortado por outros sentimentos: frustração com o “tecido líbio gêmeo”, em suas palavras, com um governo em Trípoli e outro em Sirte; a população dividida; e os detritos políticos de uma guerra contínua sobre o corpo quebrado do Estado líbio. “Quem disse que a Líbia não é uma só?”, lamentou Al-Trabelsi. Ao escrever enquanto as águas subiam, Al-Trabelsi deixou para trás um poema que está sendo lido por refugiados de sua cidade e líbios de todo o país, lembrando-os de que a tragédia não é tudo, que a bondade das pessoas que se ajudam mutuamente é a “promessa de ajuda”, a esperança do futuro.

A chuva
Expõe as ruas encharcadas,
a empreiteira trapaceira,
e o Estado falido.
Ela lava tudo,
asas de pássaros
e pêlo de gatos.
Lembra aos pobres
de seus frágeis telhados
e roupas esfarrapadas.
Ela desperta os vales,
sacode sua poeira bocejante
e crostas secas.
A chuva
um sinal de bondade,
uma promessa de ajuda,
uma campainha de alarme.

Cordialmente,

Vijay.

